

A Fronteira Noroeste: Entre Colonos e Garimpeiros de Juína – MT

JULIO CÉSAR DOS SANTOS*

O texto é resultado da pesquisa de mestrado “Garimpos de Juína: Entre Histórias Relatos e Memórias” (UFMT, 2012), fruto do desafio de construir uma narrativa histórica sobre os garimpos de Juína entre os anos de 1986 e 1994. A forma como a experiência do garimpo marcou o Noroeste de Mato Grosso, bem como, a ideia de que um estudo em maior profundidade e detalhamento da atividade garimpeira em Juína poderia ter relevância social e acadêmica, à medida que contribuiria para compreender aspectos relacionados às fronteiras do Norte e Noroeste de Mato Grosso, após a década de 1970, justificam a viabilidade social e acadêmica da pesquisa.

O espaço estudado compreende os diversos garimpos e vilas garimpeiras que se formaram ao longo da rodovia BR 174, entre os municípios de Juína-MT e Vilhena-RO e linha vicinal 3, localizados no quadrante sudoeste (SW) do município de Juína. Foram vários garimpos: Juízinha, Juína-Mirim, Juíção, Garimpo do 180, do Porcão, do São Luiz, do Chapadão, do Cinta Larga, do Sorriso, do Duas Barras e ainda, outros pequenos garimpos, sem maior expressão, se comparado aos demais.

Quanto ao recorte temporal estabelecido, ou seja, os anos de 1986 a 1994 foram delimitados por representar os momentos de ascensão, auge e a decadência da atividade garimpeira na região.

A história oral é a principal ferramenta metodológica. O trabalho de trazer à luz essas memórias individuais e coletivas representou um desafio intenso e prazeroso.

A história oral, o objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes; a instância da memória passa, necessariamente, a nortear as reflexões históricas, acarretando desdobramentos teóricos e metodológicos importantes (LOZANO, 2006, p. 20).

* Mestre em história pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso e docente do Instituto Federal de Mato Grosso.

Não foi difícil encontrar personagens que vivenciaram experiências diversas e dispostos a compartilhar eventos guardados em suas memórias. Além das entrevistas, os documentos dos acervos pessoais, os recortes de jornais de circulação local e estadual, os trabalhos de conclusão de cursos de graduação disponíveis na biblioteca municipal de Juína, imagens e documentos dos acervos pessoais, a produção de Joaroni Neto (2007), foram fundamentais para uma pequena contribuição na infinita tarefa de juntar os fragmentos do passado. (LEVY, 2009).

A opção pela história social ocorreu em virtude do desejo pessoal de uma abordagem centrada em aspectos sociais, mas que ao mesmo tempo promovesse o diálogo com os demais campos de proximidades historiográficas. “Afirma-se também que a História Social estabelece interfaces com os outros campos da própria história, ou também com outros circuitos interdisciplinares.” (BARROS, 2010).

O pensamento, de José de Souza Martins, em *A degradação do outro nos confins do humano* (2009), fornece os subsídios teóricos para o debate referente ao conceito de fronteira, sobre tudo pela apropriação dos conceitos de frente de expansão e frente pioneira. A partir do advento do garimpo, a análise de fronteira é realizada na perspectiva de “um para o outro”, uma dimensão pessoal de fronteira. Então Tzvetan Todorov em *A Conquista da América* (2003), Zygmunt Bauman, *Vidas Desperdiçadas* (2005) e Laura de Melo e Souza, em *Desclassificados do Ouro* (1990), são utilizados no debate sobre fronteira, que neste caso, está centrada na categoria trabalho.

Oficialmente o projeto Juína foi pensado para ser polo de produção agrícola. A idealização da cidade é associada a uma série de fatores, dentre os quais, a conjuntura política, econômica e social do Brasil entre as décadas de 1960 e 1980. Sobre esses aspectos, podemos mencionar a situação da região Sul do país, o Sul enfrentava graves problemas de contingente populacional, em especial nos centros urbanos, que tinham ao redor das grandes cidades, cinturões de miséria (JOANONI NETO, 2007). Através de projetos de colonização, o Estado pretendia atrair homens e mulheres para o Norte e Nordeste de Mato Grosso, aliviando as tensões sociais no Sul.

Em 1972, a Lei nº 3.307 de 18 de dezembro reservou extensa área de terra devoluta na região Noroeste à Companhia de Desenvolvimento de Mato Grosso (CODEMAT), com a finalidade de desenvolver projetos de colonização. O projeto Juína nasceu em 1976, foi

consolidado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e em 17 de setembro de 1978, através da Portaria 907. Em 10 de junho de 1979, a Lei 4.038 criava o distrito de Juína e já em 09 de maio de 1982, a Lei 4.456 desmembrava Juína de Aripuanã, oficializando a criação o município. (JOANONI NETO, 2008).

O projeto foi bem sucedido, os lotes foram rapidamente vendidos, milhares de famílias se instalaram na região, em especial, no núcleo urbano e nas suas proximidades. Alguns anos depois de iniciado processo, muitos colonos sofriam a decepção da falta de infraestrutura, de assistência técnica, baixa produtividade e dificuldades para comercializar a produção, dentre muitas outras frustrações que desmotivavam os colonos que um dia sonharam com a terra “prometida”.

Neste cenário, se espalharam a partir de 1986, as notícias da existência dos garimpos de diamantes na linha 3. A linha 3 é uma estrada vicinal que se inicia no km 210 da BR 174, a 30 km do núcleo urbano de Juína, se estende até a reserva indígena Cinta Larga. As notícias empolgavam, falavam de uma riqueza incalculável e atraíram milhares de trabalhadores para a atividade garimpeira na região.

Antes da corrida de milhares de garimpeiros para a região, a exploração era realizada pela subsidiária francesa Sociedade de Pesquisas Minerais e Mineração Itapená S/A (SOPEMI), popularmente conhecida por seu nome fantasia “Itapená”, e controlada pela The Beers International² que, por sua vez, é sul-africana. A empresa explorava diamantes na região há pelo menos uma década, os registros das primeiras pesquisas datam de 1975. Após as notícias de conflitos entre a empresa Itapená e os primeiros garimpeiros que chegaram à região, as notícias da existência das minas, ganhou repercussão no Brasil e no exterior, os jornais falavam de uma “riqueza incalculável”.

A notícia do potencial diamantífero ultrapassou as fronteiras mato-grossense e brasileira, tornando Juína mundialmente conhecida por possuir, senão a maior, uma das maiores jazidas do mundo e segundo estimativa de técnicos de uma multinacional que aqui minerou (The Beers International) a exploração estaria garantida por 50 anos. (ALMEIDA, 2002, p. 16).

No ano de 1986 ocorreu a chegada dos primeiros garimpeiros na região, e a partir de então o fluxo aumentou timidamente até 1987, mas foi o suficiente para produzir os primeiros

²The Beers International, era uma empresa de origem sul-africana, proprietária da francesa SOPEMI..

conflitos. Ainda em 1987 as notícias da existência de toda aquela riqueza atraíram garimpeiros de várias regiões e despertou em definitivo o interesse de vários colonos agricultores. Era o reencontro entre garimpeiros e colonos, entre a frente de expansão e a frente pioneira. Holanda já se preocupava com essa relação, tratava o colono como trabalhador e o garimpeiro como o aventureiro de nossa história.

O aventureiro despreza as energias que levam à estabilidade, à segurança pessoal. Entre estes dois tipos há [...] uma oposição absoluta, e uma incompreensão radical. (HOLANDA, 2005, p. 45).

O garimpeiro tem estigma de aventureiro, ao contrário do colono que representa a responsabilidade e a sabedoria de quem planta e tem a paciência de esperar para colher os frutos. O nosso contexto histórico também é construída por esses dois personagens.

Historicamente, o garimpo não atrai, somente, homens pobres e livres denominados por Souza (1990) como desclassificados ou vadios da história, e colonos decepcionados e cansados dos infortúnios do labor moralmente admirado.

Existe também uma massa de homens bem posicionados socialmente que enxergam nos garimpos a possibilidade de avançar seus domínios econômicos, muitas vezes motivados pelas práticas comerciais, na compra e venda de diamantes ou, ainda investindo na aquisição de maquinários, existem ainda os proprietários dos lotes agraciados com a pedra, a este cabe 10%³ de tudo que é extraído.

Barrozo (2007), ao analisar a sociedade mineradora da região do Alto Paraguai já havia feito esta constatação, “Porém, não eram apenas os desclassificados sociais que iam para as regiões de mineração. Também iam filhos de fazendeiros, de comerciantes.” (2007, p. 144).

Juína não é exceção, uma infinidade de homens que não eram gravemente afetados pela crise agrícola, também se dedicou ao garimpo, afinal, eram possuidores de outros recursos. Foi o caso da família Veronese, já na ocasião proprietária de serraria e sócios do hospital da cidade.

Decidi entrar no garimpo, porque o garimpo surgiu na minha fazenda. Eu tinha uma fazenda pequena. Na época, era 200 hectares e surgiu o garimpo dentro dela. E ao lado da minha fazenda, tudo era garimpo, entendeu? Ai eu entrei no garimpo e com o dinheiro que eu ganhava no garimpo, eu fui

³ Não havia contrato ou vínculo legal entre os proprietários de maquinário e os donos dos lotes onde a exploração ocorria, tudo era realizado por meio de um acordo verbal.

comprando. Daí, minha fazenda era 200 ha e em 5 anos, fiquei com 2.400 hectares. (Romeu Veronese, entrevista, Juína-MT, 23 de Janeiro de 2012)

O próprio Romeu Veronese observou a sedução de muitos colonos pela possibilidade da riqueza fácil ofertada pelo garimpo, relata a migração de camponeses para o trabalho no catriado. “muita gente deixava suas terras e ia para o garimpo, porque ganhava muito, e ganhava rápido”.

No entanto, a grande massa de garimpeiros, oriundos em especial de Rondônia, estados nordestinos, e outras cidades de Mato Grosso, com a mineração em decadência, vieram para os garimpos de Juína na condição de homens expropriados em busca da perspectiva da riqueza fácil. Para Vilela da Silva, “o garimpeiro continua sendo herdeiro direto dos desclassificados sociais, que garimpavam ilegalmente no período colonial e hoje está refugiado nos fundões da Amazônia e nos sertões do Brasil Central.” (1995, p.194).

As relações sociais, historicamente, coloca o garimpeiro na condição de aventureiro, e desclassificado social, se apresenta em uma relação também histórica de percepção, que se tem em relação ao aparentemente diferente. Mais do que uma relação de fronteira fundamentada na lógica do espaço territorial, a fronteira que está posta entre o garimpeiro e o colono é a do “eu para o outro”. Todorov, (2003) já havia percebido e dado devida importância à complexa relação que se coloca do “eu para o outro” no processo colonização e exploração da América Latina, bem como para as experiências sociais diversas.

Pois o outro deve ser descoberto. Coisa digna de espanto, já que o homem nunca está só e não seria o que é sem sua dimensão social. E, no entanto, é assim: para a criança que acaba de nascer, seu mundo é o mundo e o crescimento é uma aprendizagem da exterioridade e da sociabilidade; pode-se dizer, um pouco grosseiramente, que a vida humana está contida entre dois extremos, aquele onde o eu invade o mundo e aquele onde o mundo acaba absorvendo o eu, na forma de cadáver ou cinzas. E, como a descoberta do outro tem vários graus, desde o outro como objeto, confundido como sujeito, igual ao eu, mas diferente dele, com infinitas nuances intermediárias, pode-se muito bem passar a vida sem nunca chegar à descoberta plena do outro (supondo que ela possa ser plena). Cada um de nós deve recomeçá-la, por sua vez; as experiências anteriores não nos dispensam disso. Mas podem nos ensinar quais são os efeitos do desconhecimento. (Todorov, 2003, p. 360)

O aspecto central na obra Todorov consiste na forma de enxergar, compreender e se relacionar com o outro, merece atenção especial por tratar da ocupação de novos espaços e de encontro de valores distintos. Trazendo o debate para o contexto das discussões referente à

pós-modernidade, encontramos em Bauman (2005) ideias semelhantes, no que se refere ao tratamento concebido aos trabalhadores expropriados.

Apesar de Zygmunt Bauman tratar de um contexto e tempo distintos, também fala das experiências de degradação do “um pelo outro”, e inclusive da “genealogia do medo” do “terror ao estranho” ao analisar o tratamento a trabalhadores migrantes na condição de refugo humano.

O autor apresenta o que denomina de “cultura do lixo” quando trata das relações de usos e desusos de trabalhadores imigrantes em território europeu, em sua célebre obra “Vidas Desperdiçadas” (2005). Bauman fala dessa tal cultura do lixo em uma era de modernidade líquida, na qual as experiências ocorrem com fluidez assustadora. Trata do estado de tolerância zero, no qual os indivíduos “diferentes” e não mais úteis, do ponto de vista da força de trabalho, são escanteados no universo de relações de trabalho e capital.

O garimpeiro profissional foi aceito e incorporado à sociedade, enquanto foi útil a ela na condição de portador de conhecimento técnico, força de trabalho e até de consumidor.

Contribui para compreender a dimensão desta relação se reforçarmos a consideração de que havia uma diferenciação em termos de origem entre os garimpeiros de Juína. Eram dois grupos bem distintos, o primeiro formado por garimpeiros profissionais, vindos de outras regiões, inclusive da bacia do Alto Paraguai, Poxoréu e do Pará atrás das “fofocas” de Juína, esses possuem o conhecimento específico sobre o garimpo e o domínio das técnicas. Esse primeiro, muitas vezes, vive o estilo de vida imprevidente do garimpeiro, farrista, gasta o que ganha, frequentemente está presente nos cabarés, e se envolve em conflitos com maior intensidade.

O outro grupo era formado por “garimpeiros colonos”, foram trabalhadores rurais que enxergaram no garimpo um meio para superar a crise econômica em virtude da baixa produção das lavouras, das dificuldades em comercializar seus produtos dentre outros fatores. Esses colonos garimpeiros muitas vezes investiram o dinheiro fruto da lavra garimpeira em suas terras ou comprando casas na cidade, “comprei a casa que moro hoje com dinheiro do garimpo, então não posso dizer que o garimpo foi ruim, alguma coisa deu” (Altir Peruzzo, entrevista, Juína, 27 de janeiro de 2012). Estes homens foram garimpeiros só enquanto trabalharam no garimpo.

Essa diferenciação é importante para compreendermos a dimensão desta fronteira de que se coloca entre o garimpeiro e o colono. Hoje percebemos muitos cuidados no discurso dos colonos quando falam de garimpeiros, admitir explicitamente o preconceito contra o garimpeiro é “jogar lama em seu próprio passado”.

Trazendo o debate para os garimpos e as vilas, considerando as relações sociais e comerciais que se estabelecem entre colonos e garimpeiros, ambos se encontram nas mesmas condições de perspectivas imediatistas, sejam por ambição ou mesmo por instinto de sobrevivência.

A abundância de diamantes e as possibilidades de ganhos imediatos aliadas aos infortúnios da agricultura seduziram muitos colonos, inclusive os jovens. É caso do então jovem técnico agrícola, prefeito da cidade duas vezes, Altir Peruzzo, que encontrava dificuldades na agricultura e buscou no garimpo novas possibilidades:

Quem atuava na zona rural passou a deixar aquela atividade da produção agrícola para entrar na atividade garimpeira, eu entrei nessa situação também, tínhamos formado uma grande área de café e uma área de pastagem. No entanto, o garimpo passou a ser atrativo porque ele gerava uma renda maior do que a propriedade rural. (Altir Peruzzo, entrevista, Juína-MT, 27 de Janeiro de 2012).

A justificativa para a aproximação e apropriação do modo de vida e trabalho aventureiro quase sempre aparecem nos discursos, fundamentadas pelas dificuldades do setor agropecuário, pelo abandono do governo no auxílio à comercialização dos produtos, falta de infraestrutura, pela decepção com a produção etc. A análise dos índices de produção agrícola, indicam o declínio da produção nos anos do garimpo característica histórica das regiões de garimpo no Brasil ao longo dos séculos.

Anos Produtos	1987	1988	1989	1990	1991	1992
Milho	25536	22276	14.280	5250	5500	4320
Arroz	15600	13104	7488	2100	210	2700
Feijão	2527	2361	1814	612	612	840
Café	2160	2240	3120	3120	2800	2865

Secretaria de Agricultura do Município de Juína. Produção em toneladas ano.

A produção de milho e arroz apresentam reduções impressionantes chegando a 84% no caso do milho, e a 82% no caso da produção de arroz, entre os anos de 1987 e 1992. Post (2001, p. 28), em sua pesquisa, confirma a influência do garimpo no abandono das lavouras.

Chama a atenção, também onde se pode considerar outro fator para análise das desistências, o fato de que em meados de 1985 iniciou-se uma intensa atividade garimpeira com descoberta de diamantes em várias localidades dentro do município atingindo seu ápice entre os anos de 1985 e 1994, o que levou muitos agricultores a venderem/abandonarem suas lavouras, pois a descoberta de áreas diamantíferas fez com que muitos se deslocassem para os garimpos, tirando seus filhos das escolas.

Pohl em *Viagem ao Interior do Brasil* (1976 p. 390) confirma a histórica relação direta entre ascensão da atividade mineradora e redução dos índices de produção de agrícola.

O alto valor dos minérios e pedras preciosas faz com que os habitantes dessas regiões não se interessem pela produção de alimentos, cujos preços se tornam conseqüentemente muito alto, e em alguns casos abusivos.

O trabalho agrícola tornava-se menos atraente do que as aventuras e emoções do garimpo. Assim como o prefeito de Juína, Altir Peruzzo, em sua entrevista, deixa transparecer que havia migrado para Juína com finalidade de construir uma vida pautada na moralidade da lógica colonial agrícola de plantar e colher se rendeu aos encantos do imediatismo e mais tarde se tornaria prefeito da cidade, diversos colonos que lutavam para superar as dificuldades, as condições de privações extremas do processo inicial da colonização, se sujeitaram a um retorno. Um retorno a estágios já superados por muitos, que haviam por exemplo, estruturado suas casas, voltaram a viver nos garimpos em barracos de madeira, lona e folhagens, lavar roupa e panelas no córrego e a clarear a noite com lampiões e lamparinas.

O garimpo exige das pessoas sacrifícios maiores ainda, como trabalhar o dia todo em situação de risco dentro do catriado⁴, realizar esforço físico contínuo, dominando o potente jato de água que corrói o subsolo derrubando tudo que está acima dele e muitas vezes, vitimando trabalhadores.

⁴ Buraco formado em virtude da atividade garimpeira, local de trabalho, onde os garimpeiros passavam a maior parte do tempo trabalhando.

O manuseio da picareta com desfechos de golpes violentos auxilia no processo, no entanto, coloca em risco a integridade do trabalhador que não utilizava proteção alguma, inclusive trabalhava descalçado.

O garimpeiro que cuida da maraca⁵, ou chupão, como alguns garimpeiros preferem denominar, também está exposto a diversos riscos, como por exemplo, o de prender o pé ou a mão no local de sucção do material debrido⁶ e se ferir gravemente. Esses homens se sujeitavam a condições de trabalho e riscos extremos sem saber se seriam agraciados pela sorte para receber o pagamento.



Garimpo na ponte do rio Cinta Larga

Fonte: acervo particular de Romeu Veronese, Juína, 1989.

São exatamente a essas condições, que “os trabalhadores de Holanda”, se sujeitaram. Nestes termos, a fronteira que sempre separou colonos e aventureiros, pelo menos aparentemente, desapareceu nos catriados de Juína. Agora ambos eram garimpeiros.

A lógica da relação entre o aventureiro e o lavrador proposta por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* (2005), esteve velada nas relações sociais que se estabeleceram em Juína, nos anos de garimpo.

O lavrador prepara a terra, planta e colhe. Ele vê primeiro as dificuldades a vencer, o esforço, mede as possibilidades [...] Há uma ética do trabalho, como uma ética da aventura. O trabalhador (lavrador) só atribui valor moral positivo às ações que sente ânimo praticar, e considera imorais as qualidades do aventureiro (audácia, imprevidência, irresponsabilidade [...]) O aventureiro valoriza “as energias que se dirigem a uma recompensa imediata [...]” (HOLANDA, 2005, p. 44).

⁵ Extremidade da mangueira que faz a sucção da água, areia e rochas no centro do catriado.

⁶ Areia e rochas deslocadas do subsolo pela força do jato d'água manuseado pelo garimpeiro.

A migração dos colonos para os garimpos de certo modo inviabilizava a desqualificação da prática em geral. A aventura do garimpo não podia ser desmerecida e as relações precisavam ser cordiais.

Havia por detrás da aparente relação de cordialidade o interesse dos colonos nesse imediatismo, que poderia representar a solução para as frustrações das dificuldades da lavoura na agricultura, ou a possibilidade de ampliar seus lucros investindo nas frentes de extração, no comércio de gêneros, de diamantes ou cedendo seu lote para garimpagem.

Não existe em suas relações uma oposição de "um para o outro" declarada, a relação entre colono e garimpeiro é pautada por uma discriminação velada, presente inclusive no linguajar cotidiano, que aparece discretamente dos discursos, em termos como "garimpeiro rodado", na despreocupação com as denominações específicas, com o desinteresse por sua origem, como se todos os garimpeiros presentes nos catriados se convertessem em uma unidade identitária difícil de imaginar. Mas, sobretudo, ela aparece no descaso com a violência que ocorre nas vilas garimpeiras.

Tanto o aventureiro quanto o colono são indivíduos de uma trama histórica que acompanha há séculos a história da América Latina, está presente desde os primórdios da colonização do Brasil e de modo especial em Minas Gerais. A realidade é que nenhum dos dois habita fora do mundo imaginário. Longe de uma caracterização ideal, "em estado puro, nem o aventureiro, nem o trabalhador possuem existência real fora do mundo das ideias." (HOLANDA, 2005, p. 43).

Os colonos dependiam dos garimpeiros, afinal, eram eles os conhecedores das técnicas de extração no trabalho rudimentar do garimpo, a experiência tem seu valor. "Os migrantes vindos de áreas de agricultura aprenderam nos garimpos as técnicas herdadas dos "antigos" para encontrar diamante" (BARROZO, 2007, p. 146).

A importância de sua experiência perpassava todo processo, o aventureiro acredita na sorte, mas ele sabe que experiência é fundamental, conhecimento sobre as características do terreno, a presença dos minerais que indicam a possível existência de diamantes no local, o funcionamento do maquinário, o processo de lavagem do cascalho não eram habilidades dos lavradores.

Os donos de maquinários precisavam além de suas experiências, de sua mão de obra, com tantos maquinários e tantas frentes de trabalho, a presença dos garimpeiros vindos de

outras regiões era necessária para suprir a demanda. Os indícios apontam que esse era o grande interesse dos lavradores, em suas relações com os colonos, no mais, não havia preocupação com as condições de trabalho e muito menos como as ações e comportamento do garimpeiro fora de seus momentos de trabalho.

O aventureiro dos garimpos, muitas vezes são nominados pelo seu estado de origem, são centenas de Pernambucos, Cearás, Baianos, etc. Não há preocupação com seu passado, mas apenas com o trabalho que realiza. Uma frase comum nas entrevistas, geralmente antecedida por risos, chama a atenção para essa relação e ajuda a confirmar a ideia de uma relação mais complexa do que a aparente aceitação e harmonia, “é fácil um homem virar garimpeiro, difícil é um garimpeiro voltar a ser homem”.

A contratação do garimpeiro para compor as equipes nas frentes de trabalho era sempre um acordo verbal, uma regra, seguida uniformemente por todos, sem a preocupação com questões legais.

Por fim, o descaso da relação de um para o outro se manifesta pela falta de esforços maiores na solução de crimes no ambiente das currutelas. Segundo diversos depoimentos, não havia esforços no sentido de solucionar os crimes, em geral assassinatos entre garimpeiros.

O colono “transformado” em garimpeiro, temporariamente compactua com as condições de trabalho, com a possibilidade de enriquecimento imediato, porém em seus discursos, ele não aprova determinados comportamentos do garimpeiro, sempre fala das “zonas⁷”, como espaço de garimpeiros, das práticas de violência, como ações da “garimpeiraiada”, dentre outros argumentos que coloca o colono imune às imoralidades e valores diferenciados de uma sociedade fortemente marcada pelos traços da cristandade⁸.

Os colonos que se dirigiram para o garimpo, também se propuseram a ingressar na lógica da clandestinidade. Ambos se sujeitam a esse espaço de degradação, as condições de vidas desumanas. Mas existe, outro aspecto que os separam e os colocam novamente em mundos opostos, é o fato de a atividade garimpeira simplesmente ignorar a ideia de fronteira física, e não se prender a quase nada a não ser na sua perspectiva de bamburrar e, por esse ideal, quando a esperança se finda, ele segue a procura de uma nova “fofoca”⁹.

⁷ Casas de prostituição, locais de muita violência e conflitos.

⁸Referência ao livro *Fronteira das Crenças* de Joaoni Neto, Cuiabá, EdUFMT, 2008.

⁹ Fofoca nos termos dos garimpeiros significa um novo garimpo, pois as notícias de descoberta de novas minas se espalhavam rapidamente entre os garimpeiros de diversas regiões.

Quando o garimpo decaiu pela queda na produção e dos preços praticados no mercado internacional, os antigos colonos colocaram os “pés no chão” alguns em condições melhores, poucos enriquecidos e muitos não obtiveram sucesso. Hoje encontramos por toda cidade os antigos aventureiros que estão trabalhando no comércio, na agricultura, ou em diversas atividades da cidade, são advogados, professores, vendedores, etc. Mas existem também os homens que até os dias continuam praticando e investindo na atividade na região.

Herdeiros de um passado repleto de dificuldades, colonos e garimpeiros, possuem extrema capacidade de adaptação. Para além de toda essa discussão fundamentada nas ideias de *Raízes do Brasil* (2005), de Sérgio Buarque de Holanda, existe uma realidade que vai além do debate acerca localização dessa fronteira imaginária, fundamentada no mundo das crenças, comportamentos e valores morais. É a fronteira das humanidades e desumanidades, que tanto os garimpeiros quanto os colonos as conhecem muito bem.

Para José de Sousa Martins, a fronteira precisa ser compreendida em duas vertentes, que passam por dois o suposto lados da civilização, o lado de cá, e o lado de lá. Pois desta forma, fica mais fácil e mais abrangente estudar a fronteira como concepção de fronteira do humano (MARTINS, 1997, p. 163).

A experiência de degradação do outro é vivenciada com extrema intensidade no garimpo. Vai da degradação física nos catriados em condições de vida sub-humanas às relações de descaso e tratamento pejorativo do um para com o outro, passando com sua vitalidade pela naturalidade com que se cessava a vida de outrem.

No relato da senhora Ilmar Faria o descaso com que se tratava a vida aparece de forma impressionante. Ao relatar o assassinato de um garimpeiro pelo qual dizia ter estima, conhecido como tantos outros por Maranhão, conta que as pessoas se recusavam socorrê-lo, enquanto ainda agonizava com vida:

Tinha muito taxista, caminhonetes para fazer frete, mas quando acontecia esse tipo de coisa o carro estava estragado, to sem isso, não tem gasolina, não tem aquilo, tudo isso para não levar. Porque o garimpeiro não sabe nem quem é, quem garante que ia pagar isso para os freteiros e para os taxistas. Quem ia pagar? (Ilmar Faria, entrevista, Distrito de Terra Roxa, Juína-MT, 26 de Junho de 2012).

Os relatos de descaso com a vida são inúmeros, do mesmo modo as imagens das condições de vida e de trabalho também colocam as pessoas em condições lamentáveis de sobrevivência.

É importante fazer uma ressalva, que ao tratar das condições da fronteira, em categorias de frentes de expansão e frente pioneira, Martins (2007) realiza seus estudos e pesquisas na região Norte do estado de Mato Grosso, em espaço de ocupação fundamentalmente agrícola. Com a inserção dos garimpos em algumas dessas áreas, o contexto se torna ainda mais complexo e dinâmico, exigindo um esforço para além do suposto inicialmente, por um projeto colonial agrícola. No garimpo, a condição de degradação de ser humano é potencializada ao extremo.

Barrozo (2007) analisa historicamente essa “desclassificação” e ao mesmo tempo o aproveitamento desses homens nas frentes garimpeiras, o que ajuda a explicar a complexa relação que se estabelece entre colonos e garimpeiros.

Desclassificados pela sociedade que os engendrou, os desocupados, vadios, aqueles que não eram senhores nem escravos e que eram onerosos para os núcleos coloniais, passaram a ser de utilidade no momento em que puderam servir para abrir o sertão, ocupar novas terras, enfrentar índios e febres. Eles foram remadores nas canoas das entradas e das bandeiras; foram guias e caçadores dessas expedições; foram agricultores no sertão. Foram mineiros, garimpeiros, faiscadores em Minas Gerais, em Goiás e em Mato Grosso. (2007, p. 143).

Ao passo em que em regiões agrícolas são historicamente compreendidos como “vadios” da história, por representarem ônus à sociedade, nas zonas garimpeiras passaram a ser aproveitados, tornaram-se úteis. Esta constatação ajuda a explicar e fundamentar a aparente aceitação e convívio pacífico nas relações entre colonos e garimpeiros, como já discutimos, ajuda a explicar a complexa relação que se estabelece entre um e outro.

Trata-se em grande parte de uma perspectiva capitalista de aproveitamento da força de trabalho. Voltando às ideias de Bauman (2005), enquanto os europeus precisavam dos imigrantes oriundos da África e América, para prestar serviços considerados indignos pelos europeus, foram aparentemente aceitos e posicionados nos mercados de trabalho. Quando a crise econômica acirrou o mercado de trabalho, os imigrantes passaram então a ser indesejados, uma vez que, passaram a ocupar postos antes indignos e agora desejados para a sobrevivência dos nativos.

Nos discursos praticados pelos colonos ficam registradas as atribuições de culpa aos garimpeiros pelos infortúnios dos mesmos. Ocorre à desqualificação de seus atributos pessoais e morais, alguns dos quais estão impregnados em sua identidade. Como a ideia de que garimpeiro não é homem, no sentido moral da palavra.

O garimpeiro carrega consigo o estigma de que não pode ser precavido com suas economias. Em outras palavras, que não pode ser “muquirana”, caso contrário a sorte lhe abandona e ele, não conseguirá mais obter sucesso. Então diz a lenda, que o garimpeiro precisar esbanjar para que a sorte não lhe abandone, nenhum garimpeiro sabe explicar a origem dessa crença, mas o fato, é que sua presença é marcante entre eles.

A generalização de que todo garimpeiro gasta os frutos de sua lavra com mulheres e bebidas, não se preocupando com reservas para construção de um futuro sólido, merece ressalvas, em Juína encontramos muitas famílias de ex-garimpeiros que construíram suas casas e suas vidas com economias do garimpo.

É fato que muito se gasta com bebidas e mulheres, mas também é fato que a sobrevivência custa absurdamente cara, tornando ilusórios os aparentes altos ganhos com o garimpo. As condições gerais do universo do garimpeiro acabam por constituir uma imagem de homem rude, supersticioso, violento, perigoso (GUIMARÃES NETO, 2006, p. 141).

São algumas “verdades” constituídas a partir de múltiplas coerções, num regime de poder próprio de cada sociedade, que aparecem quase sempre associadas aos trabalhadores pobres como se surgissem da “natureza”, destituindo-as de fundamento histórico.

Assim aparecem em diversos relatos, depoimentos artigos de jornais, uma imagem constituída a partir da visão do outro, que em geral denigre a imagem do garimpeiro, sem levar em consideração o processo histórico e o ambiente social que forjou suas condições de vida e suas crenças.

Tratamos, portanto, de uma fronteira não apenas geográfica, mas principalmente de da fronteira pessoal, que se coloca entre “o um e o outro”.

A fronteira que se estabelece entre ambos é como tem ocorrido ao longo de nossa história um fronteira que depende do outro. Assim como os dois personagens, ela não existe fora do mundo das ideias, no entanto, é real. O tratamento diferenciado é real; as condições de vida e trabalho são reais; a violência é real; o que torna esses elementos tão reais quanto suas próprias práticas e modos de avaliar e se relacionar com o outro.

Referências Bibliográficas:

BARROZO, João Carlos (Org.). *Mato Grosso: Do Sonho à Utopia*. Cuiabá: EdUFMT / Carlini e Cianato, 2008.

_____. *Em Busca da Pedra que Brilha Como Estrela: Garimpos e Garimpeiros do Alto Paraguai – Diamantino*. Cuiabá: EdUFMT/Tanta Tinta, 2007.

_____. *Juína: de projeto de colonização a pólo regional*. IN: BARROZO, João Carlos (Org.). *Mato Grosso: Do sonho à utopia*. Cuiabá; EdUFMT / Carlini e Cianato editorial, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas Desperdiçadas*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Cambridge, Inglaterra: Polity Press, 2004; Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Cidades da Mineração. Memórias e Práticas Culturais. Mato Grosso na Primeira Metade do Século XX*. Cuiabá: EdUFMT & Carlini e Cianato, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Caminhos e Fronteiras*. São Paulo: Companhia da Letras, 1994.

_____. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 26ª ed. 2005.

BARROS, José D'Assunção. *O Campo da História; Especificidades e Abordagens*. Petrópolis: Vozes, 7ª ed., 2010.

JOANONI NETO, Vitale. *Fronteiras das Crenças: Ocupação do Norte de Mato Grosso após 1970*. Cuiabá: EdUFMT/Carlini & Cianato, 2007.

_____. *Juína: de projeto de colonização a pólo regional*. In: BARROZO, João Carlos (Org.). *Mato Grosso: do sonho à Utopia da Terra*. Cuiabá-MT; EdUFMT / Carlini e Cianato editorial, 2008.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. *Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea, (pp. 16-25)*, IN: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006.

SILVA, Jovam Vilela da. *Mistura de Cores. Política de Povoamento e Populações da Capitania de Mato Grosso – Século XVIII*. Cuiabá: EdUFMT, 1995.

SOUZA, Laura de Mello. *Desclassificados do Ouro. A Pobreza Mineira no Século XVIII*. 2. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1990.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América. A questão do outro*. Tradução Beatriz Perrone. Ed. Martins Fontes, 2003.

WEGNER, Robert. *A Conquista do Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

_____. *A Conquista do Oeste. A Fronteira na Obra de Sérgio Buarque de Holanda*; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

Periódicos:

Jornal O Estado de Mato Grosso. Cuiabá-MT, ed. de 05 de setembro de 1987.

Jornal O Poder Noticioso. Juína-MT, primeira quinzena de maio de 1987.

Revista História da Biblioteca Nacional. *Entrevista com Giovani Levi*. ano 04, nº 41 – Fevereiro de 2009.

Trabalhos de Conclusão de Curso:

ALMEIDA, Cléia de. *Educação em Áreas de Garimpo*. TCC, Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências humanas e Sociais, Curso de Licenciatura em História. Orientação; Thereza Marta Presssotti. Juína, 2002.

POST, Sérgio Volmir. *Escolas Rurais de Juína: O Cotidiano e as Dificuldades na implantação do Sistema*. Projeto de Monografia de Graduação. Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais – Departamento de História. Orientação Carlos Américo Bertolini. 2001.